

## PRIMEIRO PAINEL — CONTRIBUIÇÃO DE GUERREIRO RAMOS PARA A SOCIOLOGIA BRASILEIRA

*Moderador* — Prof. Nelson Mello e Souza, da Fundação Roberto Marinho

*Expositora* — Prof.<sup>a</sup> Lúcia Lippi Oliveira, do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas

*Debatedores* — Profs. Maria Stella Amorim, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Ralph Zerkowski, do Instituto Brasileiro de Economia (IBRE) da Fundação Getúlio Vargas; Ramon Garcia, da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP) da Fundação Getúlio Vargas; Prof. Simon Schwartzman, do CPDOC/FGV

*Prof. Nelson Mello e Souza* — Vamos dar início ao nosso primeiro painel. Por favor, Lúcia Lippi, Maria Stella, Ralph, Simon Schwartzman, Ramon Garcia.

Este é o primeiro painel da série que de maneira imaginosa, criativa, sentimental e autêntica foi planejada pela direção da Escola Brasileira de Administração Pública e da Fundação Getúlio Vargas para, ao mesmo tempo que se procede a uma justíssima homenagem póstuma a Guerreiro Ramos, ao mestre Guerreiro Ramos, aproveita-se também para comemorar os 30 anos da Escola Brasileira de Administração Pública, que Guerreiro Ramos ajudou a fundar.

Este painel, que é o primeiro por ordem cronológica, se ajusta à cronologia também da obra de Guerreiro. Guerreiro começa produzindo trabalhos, artigos e finalmente dois livros, *A cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo* e *A redução sociológica*, nos meados da década de 50, quando ele se projeta nacional, e eu diria internacionalmente, porque, inclusive, já há traduções de *A redução sociológica* em diversos idiomas. Guerreiro se projeta, portanto, como sociólogo. É assim que ele começa a ser conhecido na vida intelectual brasileira. E era dessa condição que Guerreiro não abria mão. Ele se considerava um sociólogo, e ele era, talvez, um dos mais importantes sociólogos brasileiros.

Portanto, este painel, começando pelo exame da obra sociológica de Guerreiro Ramos, faz jus a esta cronologia e faz jus a esse interesse que Guerreiro sempre tinha e sempre teve, de projetar a sua imagem intelectual, antes e acima de tudo como sociólogo.

O painel está organizado de modo a haver uma exposição sobre *A redução sociológica* que é, sem dúvida alguma, o livro de sociologia mais importante de Guerreiro Ramos. *A redução sociológica* será analisada pela nossa companheira Lúcia Lippi que fez um trabalho escrito, que não sei se foi entregue, mas do qual fará uma síntese. Em seguida nós teremos as intervenções dos professores convidados, que aqui compõem a mesa, para emitir suas opiniões, não só sobre o trabalho apresentado, como também suas versões pessoais, em termos de

acrescentamentos que cada um deles, como intelectual autônomo e importante dentro do cenário brasileiro poderia agregar.

A minha função é de moderador, denominação que, aliás, não é muito adequada pois não vou moderar nada. O que eu vou fazer é tentar, no final, alguma síntese dos pronunciamentos feitos e agregar, talvez, duas ou três impressões pessoais minhas.

Está com a palavra a nossa expositora.

*Prof.<sup>a</sup> Lúcia Lippi Oliveira\** — A personalidade do Prof. Alberto Guerreiro Ramos é uma lembrança que permanece viva na mente e nos corações de todos aqueles que o conheceram pessoalmente. A imagem de um guerreiro, misto de professor e profeta, a anunciar novos tempos, a ensinar novas cartilhas, inunda de tal modo nosso pensamento que se torna extremamente difícil a elaboração de uma análise de sua produção no campo da sociologia. Assim, o que podemos dizer agora sobre sua obra soa como algo vazio, um tanto inútil, diante de uma personalidade tão complexa e total como a de Guerreiro Ramos. Enfim, como o dever de ofício nos obriga a tarefas espinhosas, mãos à obra...

A produção intelectual do autor, entre as décadas de 50 e 80, apresenta questões tanto recorrentes quanto novas. Há um Guerreiro que, em seu último livro publicado no Brasil (*A nova ciência das organizações*), rompe com uma tradição da cultura brasileira e ocidental: o progresso como algo naturalmente bom. Seu questionamento sobre o processo de industrialização, tal como teve lugar no mundo capitalista, leva-o a se contrapor, implicitamente, a um outro autor que ele mesmo recuperou na história do pensamento brasileiro, Azevedo Amaral. Daí o seu retorno a Alberto Torres, o outro Alberto que, para Guerreiro Ramos, era o maior sociólogo brasileiro.

Polemista, até nos títulos de suas obras: *Cartilha brasileira para aprendiz de sociólogo*. Quem passa imune por este título? Expressões como “ciência em hábito” *versus* “ciência em ato” permeiam seus trabalhos. Brigou com muita gente. Sua linguagem apaixonada distanciava-o da academia; aliás, ele nunca valorizou muito a academia. Perguntava, em tom de *blague*, mas verdadeiro: como se pode fazer um doutor em filosofia?

No prefácio da segunda edição de sua obra *A redução sociológica*, Guerreiro diz:

“A vocação da sociologia é resgatar o homem ao homem, permitir-lhe ingresso num plano de existência autoconsciente. É, no mais autêntico sentido da palavra, tornar-se um saber de salvação.”<sup>1</sup>

É o próprio autor que expressa de forma clara o significado de sua sociologia. Ela está impregnada de sentido messiânico. Guerreiro quis salvar o homem, o Brasil e as gerações futuras. Seus objetivos sempre estiveram relacionados à idéia de saber como salvação; em toda sua obra está presente essa idéia-força. E é com tal proposta que ele avalia tanto a produção clássica quanto os pensadores brasileiros. “A sociologia foi criada por homens de propósitos re-

\* Coordenadora de Projeto do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). (Endereço da autora: Praia de Botafogo, 190, sala nº 1402.5 — 22253 — Rio de Janeiro, RJ.)

<sup>1</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. *A redução sociológica*. 2. ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, p. 15.

formadores, preocupados em achar soluções para os problemas de sua época e de sua sociedade",<sup>2</sup> e é essa tradição, obliterada por Comte, que precisava ser resgatada. "A essência de toda sociologia autêntica é, direta ou indiretamente, um propósito salvador e de reconstrução social",<sup>3</sup> diz-nos ele na *Cartilha*. Fazer da sociologia um instrumento de organização social da coletividade, eis sua meta, e daí a insistência na realização de estudos "operativos", e o trabalho de recuperação da "tradição da sociologia militante" nomeando figuras como as de Paulo José Soares de Sousa (Visconde do Uruguai), Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Oliveira Viana, entre outros.

No prefácio de *O problema nacional do Brasil*,<sup>4</sup> Guerreiro reafirma sua perspectiva: "O presente livro, como o de Alberto Torres, é uma tentativa de utilizar a ciência social como instrumento de organização da sociedade brasileira". Nesse sentido, seus livros guardam uma marca profunda: a perspectiva da sociologia como um saber de salvação e a presença das circunstâncias históricas em que foram produzidos. Seus temas são marcadamente os de uma sociedade em transição, como a brasileira de seu tempo.

A sociologia como "saber de salvação" implica a noção de que a sociedade em geral — e a brasileira em particular — precisava ser libertada de uma situação avaliada negativamente. O "saber de salvação", como as "religiões de salvação", segundo diz Weber, "prometem aos seus fiéis a libertação do sofrimento".<sup>5</sup>

O sentido profético que, para nós, representa o elemento de continuidade na obra de Guerreiro Ramos, vem associado a uma preocupação política e científica. Suas análises sobre os intelectuais e políticos nacionais tomava como parâmetro uma "ética da responsabilidade", na medida em que ele destacou sempre de forma positiva aqueles que tinham sido capazes de atuar sobre a realidade guiados por um sentido pragmático e operacional. Guerreiro Ramos foi, ainda dentro da conceituação weberiana, um professor, no sentido de ter tido como tarefa primordial a de ensinar seus alunos a reconhecer fatos "inconvenientes" e "a prestar a si mesmo contas do significado último de sua própria conduta".<sup>6</sup> Ao mesmo tempo, Guerreiro ocupava-se em discutir e elaborar métodos de pensamento capazes de tornar operacional a ciência social. E é semelhante junção entre profeta, político e professor que traz, de um lado, inúmeras dificuldades à análise de sua obra, e, de outro, a tornam fascinante e viva.

A preocupação com a sociologia enquanto ciência está presente de forma marcante nesse seu livro. Foi nele que Guerreiro procurou integrar e explicitar os princípios que já vinham sendo apresentados em aulas, conferências e obras anteriores. A redução, em sua concepção original, acha-se definida como um procedimento metodológico cujo objetivo é tornar sistemática a assimilação crítica do patrimônio sociológico estrangeiro. Tal procedimento envolve, segundo o autor, desfazer-se do acessório para descobrir os "pressupostos referenciais,

<sup>2</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. *O problema nacional do Brasil*. Rio de Janeiro, Saga, 1960. p. 84. O livro, publicado em 1960, reúne texto de aulas e conferências proferidas entre 1955 e 1959.

<sup>3</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. *Cartilha brasileira para aprendiz de sociólogo*. Rio de Janeiro, s. ed., 1954. p. 19.

<sup>4</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. *O problema nacional do Brasil*. op. cit. p. 13.

<sup>5</sup> Max Weber. *Religião*. In: *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, s. ed. p. 376.

<sup>6</sup> Id. *ibid.* p. 179.

de natureza histórica, dos objetos e fatos”.<sup>7</sup> A redução “fundamenta-se numa espécie de lógica material, imanente à sociedade”,<sup>8</sup> e só é alcançada recorrendo-se a diversos conhecimentos, principalmente à história.

A tentativa de dotar o trabalho sociológico de valor científico e pragmático integra-se, segundo o autor, às correntes representativas do pensamento universal contemporâneo na medida em que signifique apenas “uma modalidade restrita de atitude geral que deve ser assumida por qualquer cultura em processo de fundação”.<sup>9</sup> O fundamento de qualquer sociologia e da sociologia brasileira “deve ser, antes de mais nada, um fato, um processo real, um dado concreto”.<sup>10</sup> E qual era o dado concreto, quais as condições objetivas que se apresentavam ao pensar sociológico?

Aqui, Guerreiro Ramos apresenta os postulados vigentes no pensamento da década de 50: o processo de industrialização determinando profundas modificações sócio-econômicas no país. O povo brasileiro passa a tomar uma atitude crítica e ativa nos acontecimentos e começa a fazer sua própria história. Os efeitos sociológicos da industrialização (aumento quer da capacidade empresarial dos particulares e do Estado, quer da capacidade de realizar projetos); os efeitos sociológicos da urbanização (a transformação dos indivíduos em compradores, a constituição de um mercado interno); os efeitos sociológicos das alterações do consumo popular (hábitos de consumo de massa de caráter não-vegetativo) operam transformações na *psicologia coletiva*. Essas transformações fazem o Brasil viver nova fase de sua evolução, fase que o leva a superar seu antigo caráter reflexo. É a “consciência crítica”, dado objetivo suscitado pelo desenvolvimento, que permite a uma sociedade o domínio sobre si e sobre seus condicionamentos. A nova fase define a tensão entre o país novo e o país velho, entre uma mentalidade colonial ou reflexa e a mentalidade autenticamente nacional.

E é essa nova mentalidade autenticamente nacional que requer a “redução” como um conjunto de regras capaz de dotar o trabalho sociológico de valor programático. O caráter da sociologia de um país é historicamente definido. Só mudanças na estrutura da sociedade, “problemas cuja resolução demanda novo esquema de convivência social”,<sup>11</sup> colocam problemas novos que levam a ciência a novas formulações. O Brasil estava em nova etapa e, portanto, precisava de nova sociologia.

Assim, se de um lado Guerreiro é profundamente crítico em relação à sociologia até então existente, de outro ele mesmo apresenta as razões que explicariam o caráter de dualidade, heteronomia, alienação e inautenticidade<sup>12</sup> da velha sociedade e do pensamento sociológico brasileiro. Tais seriam as categorias capazes de oferecer a “compreensão global de nossa sociedade”. Essas considerações, presentes em obras anteriores do autor, fornecem um exemplo significativo do tipo de trabalho que ele propõe para a sociologia. Sua proposta de trabalho rea-

<sup>7</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. *A redução sociológica*. op. cit. p. 81.

<sup>8</sup> Id. *ibid.* p. 93.

<sup>9</sup> Id. *ibid.* p. 55.

<sup>10</sup> Id. *ibid.* p. 54.

<sup>11</sup> Id. *ibid.* p. 127.

<sup>12</sup> Essas categorias estão presentes em A problemática de realidade brasileira. In: *O problema nacional do Brasil*. op. cit. p. 85 e seguintes. O texto fora publicado anteriormente na obra conjunta *Introdução aos problemas brasileiros*. Rio de Janeiro, MEC/Iseb, s. ed. 1956.

parece em *A redução sociológica* e está condensada sob a forma de “leis da redução sociológica” que sintetizam os aspectos centrais de seu pensamento e a pluralidade de suas inspirações.

A primeira lei, a do comprometimento, recoloca a dimensão do engajamento. A visão do ser humano: “o homem não é apenas um ‘ser-no-mundo’, é também um ‘ser-do-mundo’ em determinada forma histórica particular”,<sup>13</sup> informa o pensamento de Guerreiro. O historicismo e o existencialismo, o pensamento fenomenológico e culturalista são apontados pelo próprio autor como fundamentos de inspiração da “redução”.

Não discutiremos os fundamentos filosóficos da “redução”. A formação e as influências recebidas pelos isebianos, dentre eles Guerreiro Ramos, Roland Corbisier e Hélio Jaguaribe, são analisadas no livro de Vanilda Paiva, *Paulo Freire e o nacionalismo-desenvolvimentista*, principalmente no capítulo A síntese existencial-culturalista como tradução do isebianismo. Apenas mencionamos a afirmação da autora citando Hélio Jaguaribe: “todos os isebianos estavam influídos pelo historicismo em geral e pela filosofia da existência em particular, pelo pensamento da Cepal e pela sociologia do conhecimento de Mannheim”.<sup>14</sup> E continua a autora:

“O método apresentado por Guerreiro Ramos resume, efetivamente, a proposta da fenomenologia no plano sociológico, ou seja, propõe uma ‘retomada crítica e construtiva das pesquisas sociológicas’ a partir de uma perspectiva na qual o social é tratado como vivência a ser adequadamente descrita para que se possa reconstituir-lhe o sentido.”<sup>15</sup>

É sob esse conjunto de influências que Guerreiro Ramos entende o ser situado historicamente e é daí que ele apresenta “o imperativo de acelerar, de modo historicamente positivo”,<sup>16</sup> a transformação da sociedade, o que impõe ao cientista a assimilação crítica do patrimônio científico estrangeiro.

A segunda lei, a do caráter subsidiário da produção científica estrangeira, representa uma continuidade natural da primeira. Para fundamentar tal lei, Guerreiro lança mão do conceito de *noémas* (Husserl), “ou seja, as formas como os objetos são dados ao ato intencional ou *noésis*”.<sup>17</sup> As formas não se referem à essência do objeto e sim ao conteúdo objetivo resultante de um ato intencional. Guerreiro procura distinguir-se da fenomenologia afirmando que a redução sociológica “é algo diverso de uma ciência eidética do social”<sup>18</sup> e que “os ‘noémas’ não são paradigmas universais e portanto não podem ser transferidos da perspectiva noética em que se dão para outra” (grifo do autor).<sup>19</sup> É essa perspectiva historicista que justifica ser toda a produção estrangeira subsidiária ao pensamento nacional.

Na “lei da universalidade dos enunciados gerais da ciência”, Guerreiro afirma ser a sociologia, como toda ciência, universal. Tal ciência consiste em um

<sup>13</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. *A redução sociológica*. op. cit. p. 118-9.

<sup>14</sup> Paiva, Vanilda. *Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista*. Rio de Janeiro/Ceará, Civilização Brasileira/UFC, 1980. p. 36, nota 25.

<sup>15</sup> Id. *ibid.* p. 42.

<sup>16</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. *A redução sociológica*. op. cit. p. 119.

<sup>17</sup> Id. *ibid.* p. 121.

<sup>18</sup> Id. *ibid.* p. 46.

<sup>19</sup> Id. *ibid.* p. 122.

patrimônio, constituído por um elenco central de categorias universais comum a todos os cientistas do mundo. E é através do acesso a diferentes autores que se processa a iniciação para uma “instância de enumerados gerais que constituem o núcleo central do raciocínio sociológico”.<sup>20</sup>

Se a sociologia, como ciência, é universal, como se pode pensar em uma sociologia nacional? Guerreiro volta à noção de “ser-do-mundo”. O sociólogo é um ser em situação, um ser historicamente encarnado. Os enunciados gerais, universais, do pensar sociológico, devem ser utilizados na elaboração de novas categorias capazes de compreender a sociedade nacional. Guerreiro, entretanto, faz uma ressalva: sociologia nacional não deve ser confundida com sociologia aplicada.<sup>21</sup>

Por fim, a lei das fases. “A razão dos problemas de uma sociedade particular é sempre dada pela fase em que tal sociedade se encontra”.<sup>22</sup> O conhecimento empírico imediato ou o somatório de percepções diretas não nos conduzem à compreensão adequada dos fenômenos. Esta é possível quando entendemos que cada problema é parte de uma totalidade. “O pensamento em termos de fase fundamenta-se na categoria de totalidade. A fase é uma totalidade histórico-social, cujas partes estão dialeticamente relacionadas”.<sup>23</sup>

A importância da compreensão faseológica das sociedades advém de sua capacidade de captar a direção em que se orienta a evolução da cultura. “A fase não é, portanto, uma categoria lógica, formulada *a priori*. É caracterizada *a posteriori*, pela observação empírica de fatos selecionados em diferentes sociedades e tomando-se uma ou um conjunto delas como termos de comparação”.<sup>24</sup> Além da fase, como um momento da totalidade, Guerreiro faz uso da noção de simultaneidade de fases, ou, como na expressão de W. Pinder usada por muitos isebianos, a “contemporaneidade do não-coetâneo”.

Em 1957, quando foi publicado o livro de Inácio Rangel, *Dualidade básica da economia brasileira*, Guerreiro escreveu sua apresentação. Nesse texto afirma ser o livro de Rangel um marco na história das idéias ao mostrar que é possível assimilar, de maneira crítica, a ciência social importada. O livro, como ilustração do método histórico, nos mostraria que “a economia política, antes da sociologia, foi despertada para a necessidade de tornar o pensamento funcional no contexto brasileiro”.<sup>25</sup> Além do método, Guerreiro destaca também o diagnóstico: a descoberta da lei básica da formação econômica do Brasil — o caráter necessário da dualidade. O fenômeno antes considerado como traço patológico de nossa psicologia coletiva — a transplantação, o vício da imitação — ganha inteligibilidade dentro do novo paradigma. “A dualidade é uma imposição da maneira pela qual nos integramos na história universal. É ela que explica a nossa psicologia coletiva e não o contrário. A dualidade não é apenas uma lei da nossa economia, mas da sociedade brasileira em geral”.<sup>26</sup> Podemos dizer que,

<sup>20</sup> Id. *ibid.* p. 133.

<sup>21</sup> Id. *ibid.* p. 135.

<sup>22</sup> Id. *ibid.* p. 138.

<sup>23</sup> Id. *ibid.* p. 142.

<sup>24</sup> Id. *ibid.* p. 145.

<sup>25</sup> Rangel, Inácio. *Dualidade Básica da Economia Brasileira*. Rio de Janeiro, MEC/Iseb, s. ed., 1957. p. 15.

<sup>26</sup> Id. *ibid.* p. 11.

para Guerreiro Ramos, esse livro era o exemplo feliz da realização da sua proposta de 'redução'.

Destacaremos alguns tópicos apresentados no contexto de *A redução sociológica* e complementar-lhes-emos o significado tomando outras obras do autor. Tentamos assim ampliar nossa compreensão sobre sua proposta para as ciências sociais e levantar pontos para o debate, já que o presente texto representa uma primeira tentativa de analisar a obra do autor.

### A. Evolução e fase

Para Guerreiro, as estruturas econômicas e sociais se desenvolvem segundo leis, numa sucessão de fases através das quais se realizam suas potencialidades. A fase que atravessa uma sociedade torna diferente o comportamento dos fenômenos sociais. A categoria de fase é que tornaria possível a discriminação dos arcaísmos, da sobrevivência e das antecipações.

Junto ao conceito de fase encontra-se o de *principia media*, entendido como forças configuradas de cada etapa histórica. São os *principia media* que regulam o processo evolutivo em cada sociedade. "Na medida em que os conhecemos, é possível predizer e promover acontecimentos e também operar estrategicamente as mudanças sociais".<sup>27</sup>

O *approach* faseológico em que Guerreiro Ramos insiste desde 1951 não representa algo particular a seu pensamento, e sim um componente do pensamento da maioria dos isebianos. Outro autor, Hédio Jaguaribe, fazia uso também dos conceitos de " 'época' (etapas atravessadas por uma cultura à qual pertencem diversas comunidades, como as da Idade Média e Moderna na cultura ocidental), de 'fase' (etapa no processo histórico da comunidade integrada no processo de sua cultura) e de 'estrutura-tipo' ".<sup>28</sup> Para ele, a "transição de fase (mudança de uma estrutura-tipo para outra), exigia um ajustamento das idéias e crenças para que a nova fase pudesse emergir em sua plenitude".<sup>29</sup> A idéia de ajustamento presente na produção de Jaguaribe permite que pensemos a "redução" nos mesmos termos. Na fase que o Brasil atravessava era preciso que os sociólogos fossem capazes de produzir uma "sociologia nacional", que fossem capazes de reconhecer os *principia media* (a tendência na mudança de fase) e ajudassem o processo de transformação de uma mentalidade colonial para uma autenticamente nacional.

Caminho *pari passu* a essa visão faseológica a noção recorrente de "autêntico", de "autenticidade". Autêntico seria o pensamento que correspondesse, que servisse à fase ou à transição de fase atravessada pela comunidade. Daí que ser colonial na colônia não significaria inautenticidade. Tomemos um exemplo que pode esclarecer a noção de autenticidade e de uma sociedade compreensiva que Guerreiro Ramos propunha. Apesar das críticas à sociologia norte-americana em seu método empirista, o autor mostra como os seus paradigmas fazem sentido no contexto daquela sociedade. A categoria de "controle social" para a

<sup>27</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. Nota metodológica. In: *Digesto econômico*, (89):135, abr./1952. Para a compreensão do conceito de *principia media*, ver Marialice M. Foracchi org. *Mannheim*, São Paulo, Ática, 1982. p. 174-87.

<sup>28</sup> Paiva, Vanilda. op. cit. p. 38.

<sup>29</sup> Id. ibid. p. 38.

sociedade norte-americana tem sua razão de ser, pois ela recebe contínuas correntes imigratórias, vivencia uma mobilidade social muito grande e nesse contexto o *gap* de gerações traz uma ameaça de aceleração demasiada do ritmo histórico.<sup>30</sup> Ele reconhece a importância do tema para aquela sociedade ao mesmo tempo que a nega para a brasileira.

Os conceitos de época e fase relacionam-se a uma visão do processo histórico: a histórica é vista como o desenrolar de fases a serem atravessadas pela comunidade, no seu desenvolvimento. Tal visão, em uma de suas vertentes, valoriza a singularidade de cada sociedade, identificada pela raça, geografia e cultura. Outra, ao valorizar a singularidade de cada fase, abre espaço para o estudo comparativo entre diferentes sociedades.

O evolucionismo que permeia essa visão do processo histórico é tratado por Guerreiro Ramos em outra de suas obras, *Administração e estratégia do desenvolvimento*.<sup>31</sup> A categoria de sociedade moderna é apresentada como “etapa do desenvolvimento histórico-social da humanidade” e pressupõe o fenômeno da evolução, assim como uma idéia positiva do futuro. Nesse texto Guerreiro acentua que “a categoria de sociedade moderna, como etapa, tem de comum com as antigas teorias evolucionistas o fato de que pressupõe um desenvolvimento unitário global do gênero humano”.<sup>32</sup> Essa é também uma categoria comparativa na medida em que surge da consciência de uma disparidade de desenvolvimento entre diferentes sociedades numa mesma época. Dentro desses pressupostos é que se torna necessário o reexame do fenômeno da evolução. Guerreiro afirma: “As idéias de evolução e estágio se impõem incoercivelmente ao pensamento científico, como referências necessárias para explicar os fatos histórico-sociais”,<sup>33</sup> já que, citando Stuart Mill “o problema fundamental das ciências sociais (...) é descobrir as leis de acordo com as quais um estado da sociedade produz o estado seguinte que o sucede, e toma seu lugar”.<sup>34</sup>

Desejamos destacar que, para Guerreiro, a idéia de aperfeiçoamento permanente do homem (cara aos pioneiros da teoria da evolução), deve ser depurada de toda visão unilinear, já que os acontecimentos futuros devem ser tratados em termos de alternativas abertas. Deve-se “evitar a interpretação da realidade social em termos da preponderância sistemática de determinado fator”.<sup>35</sup> Um fator pode exercer papel preponderante, mas isto não deve ser tomado como regularidade necessária.

O conceito de etapa é apresentado como central na teoria da evolução pensada pelo autor, mas tal conceito deve ser tomado como “mero termo classificatório”<sup>36</sup> e não como uma realidade empírica. Nesse texto, datado de 1965, Guerreiro Ramos afirma que etapa se constitui em um tipo-ideal weberiano.

<sup>30</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. *A redução sociológica*. op. cit. p. 85-9.

<sup>31</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. *Administração e estratégia do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, FGV, 1965. Ver principalmente o capítulo 4, Contribuição à sociologia e à estratégia da modernização e o apêndice I, Pontos de controvérsia em torno de evolucionismo. Sobre o tema, ver Kenneth Rock, Teorias do progresso, desenvolvimento e evolução. In: Bohomre, T. e Nisbet R. org. *História da análise sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980. p. 65-117.

<sup>32</sup> Id. *ibid.* p. 139.

<sup>33</sup> Id. *ibid.* p. 433.

<sup>34</sup> Id. *ibid.* p. 132.

<sup>35</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. *O problema nacional do Brasil*. op. cit. p. 83.

<sup>36</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. *Administração e estratégia do desenvolvimento*. op. cit. p. 134.



## B. A sociologia e os intelectuais

“A teoria global de uma sociedade é o requisito prévio para a compreensão de suas partes”.<sup>37</sup> Essa é uma posição epistemológica que guia suas análises e críticas. “A coleta de fatos não tem sentido se não for orientada pelo ponto de vista da totalidade, por um *a priori*. Esse *a priori* não é arbitrário, mas está objetivamente implicado, como princípio, na vida prática do sujeito cognoscente.”<sup>38</sup>

Essa leitura do fato social encontra ressonância na obra de Mannheim, citado por Guerreiro como uma das fontes de fundamentação teórica da “redução”: “O acontecimento é moldado por uma totalidade, quer no sentido de uma lei do enquadramento, quer no sentido de um princípio de sistematização”.<sup>39</sup> A influência do pensamento de Mannheim, tanto da sociologia do conhecimento quanto da chamada fase inglesa de sua produção, é marcante na obra de Guerreiro Ramos. Para Mannheim, segundo Zeitlin, “a chave de compreensão das mudanças nas idéias deve ser buscada na mudança das estruturas sociais, e, sobretudo, no destino dos grupos ou classes sociais que são os ‘portadores’ desses estilos de pensamento”.<sup>40</sup> Essa proposta para a sociologia do conhecimento, realizada de forma magistral em sua análise sobre o pensamento conservador, encontra seu correspondente nos textos de Guerreiro sobre “A ideologia da ordem” e “A ideologia da *jeunesse dorée*”.<sup>41</sup> A visão de Mannheim de que “os estudos sociológicos devem ser considerados como resposta aos desafios do presente”<sup>42</sup> e devem oferecer um guia científico à ação dirigida para a mudança social (planificação para a liberdade) pode ser vista como correspondente à perspectiva do trabalho sociológico proposta por Guerreiro Ramos.

Como se consegue o conhecimento objetivo de uma sociedade? Como se produz uma sociologia nacional? Para Guerreiro esse conhecimento é a autoconsciência. “E a autoconsciência, no indivíduo como na sociedade, é uma fase de seu desenvolvimento”.<sup>43</sup> Na medida em que o Brasil já estaria vivendo a fase autoconsciente, ou da “consciência crítica”, seria possível construir o conhecimento objetivo, o saber engajado, comprometido com a realidade concreta em transformação.

Os procedimentos a serem adotados envolvem a compreensão de uma teoria global e o conhecimento dos *principia media* (descoberta das tendências concretas). Tais elementos tornariam possível a formulação de modelos ou leis genéricas dos fatos e acontecimentos. Daí a sociologia nacional aparecer como teórica e engajada e não uma sociologia que aplica paradigmas construídos a partir de outras sociedades.

<sup>37</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. *O problema nacional do Brasil*. op. cit. p. 83.

<sup>38</sup> Id. *ibid.* p. 82.

<sup>39</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. *A redução sociológica*. op. cit. p. 171, nota 35.

<sup>40</sup> Zeitlin, Irving. K. Mannheim. In: *Ideologia y teoría sociológica*. Buenos Aires, Amorrortu. 1968. p. 317-60.

<sup>41</sup> Ambos os textos foram publicados em Guerreiro Ramos, Alberto. *A crise do poder no Brasil*. Rio de Janeiro, Zahar, 1961.

<sup>42</sup> Zeitlin, Irving. op. cit. p. 318.

<sup>43</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. Notas para um estudo crítico da sociologia no Brasil, separata da revista *Serviço Social*, n. 72, p. 51, ano XIV, 1954.

A sociologia é universal, é um método de pensar os fatos, “mas a universalidade da sociologia como técnica de pensar não impede que se diferencie nacionalmente”.<sup>44</sup> O pensar sociológico desenvolve-se em estreita correspondência com as circunstâncias particulares; seus temas e problemas diferenciam-se nacionalmente. “A sociologia é uma ciência histórica e, assim, aplica-se na descoberta das leis particulares de cada fase do desenvolvimento econômico e social, sem cuja compreensão se torna impossível o tratamento efetivo dos problemas nacionais e regionais”.<sup>45</sup>

A sociologia brasileira não interpretava objetivamente a sociedade brasileira. Não havia pressões reais que a forçassem a isso. A existência dessas pressões — postulado da década de 50 — abria a possibilidade do trabalho sociológico assumir nova feição. Ele poderia emancipar-se do “mecenas”, abandonar a tendência academizante e vincular-se à promoção da “autarquia” econômica do país. Tal é o sentido da “sociologia em mangas de camisa”, em que Guerreiro certamente retomava a expressão de Tobias Barreto em seu “Discurso em mangas de camisa”, como me alertou Alberto Venâncio Filho. Nesse caso, o sociólogo poderia viver dos proventos de sua efetiva utilidade para o esforço de construção nacional. É a sociologia como exercício de atividades executivas e de aconselhamento *versus* sociologia enlatada, academizante.

Em vários de seus textos Guerreiro usou expressões (ciência em hábito *vs.* ciência em ato; sociologia enlatada ou consular *vs.* sociologia em mangas de camisa; saber importado *vs.* saber crítico assimilativo) para simbolizar uma mesma idéia: o confronto entre mentalidade reflexa e mentalidade reflexiva. Entretanto, como a “redução sociológica” era vista como um fenômeno de psicologia coletiva, emergindo das condições sociais estruturais, ela não poderia ser, naquele momento, um pensamento acabado. Sua formulação dependia daqueles que, conhecendo “os pressupostos referenciais dos fatos” e “a tendência que se orienta da evolução da cultura”, pudessem dar sua contribuição ao processo de mudança e à construção da nova sociedade. Os intelectuais são aqueles capazes de praticar a “ciência em ato”, de negar o processo de repetição característico da “ciência em hábito”.

Para Guerreiro cabia ao intelectual, como *intelligentsia* (intelectual que produz e difunde idéias que contribuem para a reforma social ou para o processo revolucionário), a elaboração e a prática da “redução sociológica”, o engajamento na política e o uso dos instrumentos para a transformação social, inclusive a administração. A prática da “redução sociológica” como modelo da ciência requer o “pensar independente” e a “militância”, características sociológicas fundamentais da *intelligentsia*.<sup>46</sup>

Os tópicos aqui apresentados servem para pensarmos sobre um tipo de produção intelectual que conjuga duas vertentes do pensamento social. Uma, mais influenciada pelo historicismo enquanto corrente da produção historiográfica, está presa à noção de *singularidade* de cada sociedade. Não se pressupõe o desenvolvimento unitário do gênero humano; ao contrário, cada povo tem sua história, suas tradições e uma vivência particular, intransferível.

<sup>44</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. *O problema nacional do Brasil*. op. cit. p. 66.

<sup>45</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. *Cartilha brasileira para aprendiz de sociólogo*. op. cit. p. 95.

<sup>46</sup> Sobre essas características ver Alberto Guerreiro Ramos. *Intelligentsia*. In: *A crise do poder no Brasil*. Rio de Janeiro, Zahar, 1961.

A outra vertente, oriunda do pensar iluminista, pressupõe uma lei geral do desenvolvimento dos povos no sentido de um aprimoramento contínuo — daí a noção de progresso. Cada povo se encontra em momentos distintos, mas, a longo prazo, há a possibilidade de aceleração do ritmo histórico e de encontro de todos no reino da igualdade e da liberdade. Essa é uma visão racionalista-evolucionista também chamada de historicismo.

Guerreiro Ramos, a nosso ver, conjuga as duas vertentes. Sem abandonar a singularidade brasileira, tenta pensar a fase em que o Brasil se encontrava no processo geral de evolução. Ele relaciona a singularidade com a evolução, sendo o específico de nosso povo o caminho verdadeiro para o progresso. Em *A redução sociológica* encontram-se ambas as vertentes. A singularidade marca a lei do comprometimento e a lei do caráter subsidiário da produção científica estrangeira. Na universalidade dos enunciados gerais da ciência e na lei das fases temos presente a tradição universalizante, serialista, derivada do iluminismo. Cremos que em sua produção das décadas de 50 e 60 há a predominância da segunda vertente, explicitada na forma de valorização do intelectual, o ser que vivencia a situação e conhece as leis gerais. É dessa conjugação que ele pode prever e promover mudanças. Tal possibilidade, todavia, está relacionada à suposição de que ele conhece as leis do desdobramento da sociedade. É o intelectual que dispõe das luzes do saber e que poderá iluminar o espaço social transformando a consciência reflexa em autoconsciência.

No presente texto procuramos abordar aspectos da produção de Guerreiro Ramos que nos ajudassem a refletir sobre sua contribuição à sociologia no Brasil. O desdobramento do assunto fica dependente de um balanço crítico da sociologia brasileira. Poucos têm-se dedicado a esse trabalho e, cremos, seminários como este abrem caminho e representam uma importante contribuição à história da sociologia no Brasil.

Centramos nossa atenção em *A redução sociológica* por representar esta obra um momento “particularmente significativa na (...) trajetória intelectual”<sup>47</sup> do autor, como ele mesmo diz no prefácio à edição brasileira de *A nova ciência das organizações*. Afirma aí que *A redução*, como obra, seria representativa do primeiro sentido da “redução sociológica”, ou seja, “atitude imprescindível à assimilação crítica da ciência e da cultura importadas”.<sup>48</sup>

O segundo sentido da “redução”, “adestramento cultural sistemático necessário para habilitar o indivíduo a resistir à massificação de sua conduta e às pressões sociais organizadas”,<sup>49</sup> estaria presente no capítulo Homem-organização e homem-parentético, de *Mito e verdade da revolução brasileira*. Neste capítulo Guerreiro afirma que “redução sociológica”, (“imaginação sociológica”) (Wright Mills), “pensamento planejado” (K. Mannheim), “vontade refletida” (F. Tönnies), entre outras, constituem expressões diversas de uma só corrente de idéias. A atitude parentética é identificada como aquela capaz de transcender a organização, de defender o ser humano contra a rotinização e a alienação.

<sup>47</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. *A Nova Ciência das Organizações — Uma Reconceitualização da Riqueza das Nações*. 1. ed. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1981. p. XVI.

<sup>48</sup> Id. *ibid.* p. XVI.

<sup>49</sup> Id. *ibid.* p. XVI.

E, por fim, o terceiro sentido da “redução”, “superação da ciência social nos moldes institucionais e universitários em que se encontra”,<sup>50</sup> seria representado por *A nova ciência das organizações*.

Assim, o próprio Guerreiro se preocupou em assegurar coerência e continuidade ao seu trabalho de reflexão. Essa coerência não significa, todavia, rigidez, nem mesmo a valorização equivalente dos mesmos temas. Na sua crítica à razão moderna (*A nova ciência das organizações*), Guerreiro Ramos questiona “a noção de que a história revela seu significado através de uma série de estágios empírico-temporais”.<sup>51</sup> Questiona o conceito de tempo peculiar ao iluminismo, marcado pela concepção de que a natureza humana muda sua estrutura “através de distintos graus qualitativos de atualização que correspondem a diferentes degraus existentes numa espécie ascendente e seriada de tempo”.<sup>52</sup> “A noção de Terceiro Mundo reflete a visão serialista da história de hoje, já que pressupõe o segundo e o primeiro.” E continua: “... os termos dessa ruptura com a ideologia social do Ocidente não podem ser encontrados através de nenhuma remodelação da ideologia serialista do Ocidente.”

Ao assumir tal perspectiva, Guerreiro Ramos rompe com o que escreveu sobre evolução e fase em *Administração e estratégia do desenvolvimento* e que estava também presente em *A redução sociológica*. Arriscamo-nos a dizer que o que mudou entre *A redução* e *A nova ciência* tem a ver não com a sua proposta de produção sociológica, mas com os valores subjacentes. Nessa última obra encontra-se uma crítica aos “pressupostos da sociedade centrada no mercado”, o que, absolutamente, não está presente em *A redução*. Podemos arriscar ainda mais: no plano dos valores a trajetória de Guerreiro Ramos pode ser chamada, como na expressão de Raymundo Faoro, de “viagem redonda”, se tomarmos como parâmetro seus textos iniciais, seus artigos da revista *Norte*, ainda na Bahia, onde ele discutia “o problema do humanismo”. Essa observação não reduz a importância da obra de Guerreiro; apenas reafirma que os valores éticos não podem ser menosprezados em função dos valores da “razão instrumental”.

O sucesso das ciências sociais, e da sociologia em particular, no decênio de 1950 está relacionado à implementação do Estado de bem-estar. É o Estado planejador que requer e acolhe os sociólogos interessados em ajudar o processo de mudança social controlada. Nesse contexto a sociologia surgia como instrumento, como saber capaz de ajudar na formulação e execução de políticas públicas. A crise das sociedades latino-americanas, conjugada à crise das interpretações sobre essas sociedades, pode ajudar-nos a entender certo “esquecimento” de um tipo de sociologia comprometido com as circunstâncias históricas que o geraram. Guerreiro Ramos pode ser tomado como exemplar. Sua análise substantiva, assim como a do Iseb, estava por demais comprometida com as circunstâncias históricas. A perspectiva de uma sociologia de salvação também foi abalada. Da sociologia como saber de salvação passamos a ter a economia ou a administração como saber de salvação. Hoje, talvez, estejamos naquele momento de descrença em relação a qualquer saber como instrumento de salvação. Aí retomamos mais uma vez Weber: quando precisamos de salvação, cabe dar a voz aos profetas... Muito obrigado.

<sup>50</sup> Id. *ibid.* p. XVI.

<sup>51</sup> Id. *ibid.* p. 39.

<sup>52</sup> Id. *ibid.* p. 39.

*Prof. Nelson Mello e Souza* — Com a palavra o Prof. Ramon Garcia, que ficaria, então, como o primeiro debatedor.

*Prof. Ramon Garcia* — Gostaria, de certa maneira, de ressaltar que a participação dos debatedores fica prejudicada em função da longa exposição que nos antecedeu. Talvez se o auditório colaborasse mais, tivéssemos mais tempo para os participantes da Mesa colocarem suas idéias.

Gostaria de registrar, também, que enviei um trabalho sobre Guerreiro Ramos, chamado *O caminho do Guerreiro*, com sabedoria e senso de humor, que foi entregue à Prof.<sup>a</sup> Ana Maria Marquesini. Eu gostaria, se possível, que se tentasse abreviar a versão final, que já está praticamente pronta, para que os participantes do seminário pudessem ter acesso a este material, que é uma sinopse do trabalho de Guerreiro Ramos.

Acho que é realmente difícil entender Guerreiro Ramos. Não basta apenas ler seus livros; é necessário conviver com sua obra e dialogar com ele. Isso porque Guerreiro Ramos era uma figura que cultivava determinados hábitos esotéricos, na sua forma de comunicação, talvez uma consequência de uma época de Estado Novo, onde as pessoas eram obrigadas a dizer as coisas de maneira cifrada. Pelos mesmos motivos, é verdade que a nossa geração também aprendeu a falar assim. Eu me lembro que a todo momento, ele me aconselhava: Ramon, você não pode se perder pela boca, você é muito jovem. E, logo em seguida, pedia para que eu lesse o livro de Strauss chamado *Writing under persecution*. E eu lhe respondia que, nesse mesmo sentido, já havia lido um artigo de Bertold Brecht chamado *Cinco maneiras de dizer a verdade*.

Tal preocupação parece indicar que Guerreiro tinha o hábito de empregar conceitos de um determinado contexto teórico, mas, da maneira como ele os articulava sistematicamente, esses já não apresentavam mais a sua aceção original. Isso ocorre, por exemplo, com a idéia de redução; isto ocorre, também, com a noção de atitude parentética correta, e outras mais.

Além disso, Guerreiro foi um intelectual que muito cedo dominou o pensamento dialético, sobretudo, as categorias do universal, do particular e do singular; as categorias de potência e de realidade; as categorias de forma e conteúdo; as categorias de aparência e de essência. Daí a necessidade de não nos determos apenas na forma do discurso e tentarmos atingir seu conteúdo essencial.

Nesse sentido, para bem entender Guerreiro, faz-se necessário decodificar seu discurso, ou melhor, torna-se necessário sempre um esforço de interpretação daquilo que ele quer dizer dentro de uma particularidade específica na qual o texto é posto. Existem várias indicações que dizem que não é possível fazer uma leitura de Guerreiro apenas através de rótulos superficiais, através de preocupações passageiras e de moda, que são muito freqüentes nos meios acadêmicos.

Guerreiro diz, com freqüência, coisas que estão ali tão embutidas, que necessitam sempre ser desveladas, através de um esforço de interpretação hermenêutica.

Em uma outra ordem de idéias, discordo da opinião corrente de que existam descontinuidades na obra de Guerreiro. Pode haver algumas vacilações, pontos menos desenvolvidos, quem sabe alguns recuos, mas há um sentido de direção muito bem definido. Desde os trabalhos iniciais, como o sobre *Mortalidade infantil* ou *Introdução crítica à sociedade brasileira*, vemos que existe uma con-

tinuidade. Os temas tratados vão-se desenvolvendo e vão apresentando fechamentos bem determinados. Vocês querem ver?

Na *Introdução crítica à sociologia brasileira* ele apresenta, na primeira parte, as seguintes conclusões: “1.<sup>a</sup> — desde 1870 toda tentativa de teorização política dos processos brasileiros tem refletido o grau possível de consciência, para cada época particular, dos fatores estruturais fundamentais da realidade brasileira;

2.<sup>a</sup> — os republicanos e positivistas de 1870, em virtude de sua situação, ou posição particular na sociedade brasileira, não foram capazes de ver claramente as contradições econômicas do seu tempo. Eles exprimiram, em termos eminentemente políticos, aspirações do extrato superior da classe média;

3.<sup>a</sup> — esse extrato, intimamente ligado ao processo de crescimento industrial do Brasil, à medida que se expanda, exprimirá, politicamente, as tendências dominantes do processo de desenvolvimento da sociedade;

4.<sup>a</sup> — o movimento militar de 1889; Sílvio Romero, durante o período republicano; a campanha civilista de Rui Barbosa, em 1910; os movimentos revolucionários de 22 e 24; a Coluna Prestes e os acontecimentos de 30, são marcos políticos da revolução da classe média, contra o controle exclusivo da sociedade nacional pelos latifundiários e comerciantes.”

De acordo com Guerreiro Ramos, nenhuma das teorias políticas registradas no Brasil de 1870 até 1957 contribuíram para a formação de uma ideologia orgânica da realidade brasileira, capaz de tornar-se um sólido suporte para a ação política dotada de verdadeiro sentido nacional.

Ora, o pensador que chega a essas conclusões vai, num segundo momento, tentar explicitar essa teoria (preocupação também de seus companheiros do Iseb). Faz várias tentativas de construir uma teoria da situação geral do Brasil. Não na perspectiva de um isolamento de tipo chauvinista, mas visando, sobretudo, articular inteligentemente o Brasil dentro da comunidade humana universal.

É essa importante distinção, e a polêmica que a partir daí foi gerada, que dava à visão nacional de Guerreiro, não um cunho de direita, mas um cunho de pesquisa e de aprofundamento acerca das condições culturais de nosso povo. Outra característica de seu modo de pensar consistia no seguinte: uma vez estabelecido um núcleo central e articulado de idéias, não ter medo ou preconceitos de dialogar com quaisquer autores ou correntes de idéias, mesmo com certos autores que estavam no índice (e era prática comum, alguns anos atrás, colocar-se, por qualquer motivo, no índice certos autores sem nunca serem lidos). Ora, Guerreiro Ramos nunca teve esse tipo de atitude, ou melhor, sua atitude era uma atitude de um *scholar*, de um acadêmico, que procurava dialogar com todos aqueles que, embora equivocados, tivessem alguma contribuição a dar. Assim, sua breve incursão pelo historicismo de Dilthey foi feita apenas no sentido de resgatar uma noção muito importante, que é a idéia de visão do mundo, para mostrar que os fatos que se oferecem aos homens não são um mero fato bruto (*factum brutum*) — são impregnados de significados, de sentido. E essa noção de visão do mundo foi também retomada por Lucien Goldmann, em várias de suas obras, de maneira muito brilhante, sem, entretanto, contar com as mesmas resistências.

E, mais recentemente, o conceito desenvolvido por Habermas, como o de interesse cognitivo, nos remete a essa mesma discussão. Em outras palavras, ele nos diz que partimos para interpretação dos fatos que existem diante de nós, não sem antes submetermos esses mesmos fatos a pré-noções, preconceitos, ou interesses cognitivos. E esses preconceitos, ou essas pré-noções encontram-se

articuladas dentro de uma determinada visão do mundo que é específica de uma certa época.

Ora, *A redução sociológica* foi uma tentativa de captar, ao nível dos acontecimentos ditos factuais ou ao nível dos acontecimentos ditos ideológicos ou mesmo teóricos, aquilo que poderia caracterizar a razão social brasileira, aqueles elementos que estariam pré-julgando, pré-informando a nossa cognição de uma determinada situação ou época.

Portanto, *A redução sociológica* é uma atitude metódica que pretende ser exatamente contrária à atitude ingênua. Ao invés de meramente refletir o significado visível dos fenômenos externos, *A redução sociológica* busca a sua complexidade, sua intimidade, ou seja, sua estrutura latente. É a “razão sociológica, isto é, uma referência básica, a partir da qual tudo o que acontece em determinado momento, em uma sociedade, adquire o seu exato sentido. É a razão histórica, despojada de seus fundamentos vitalistas primitivos, compreendida num sentido estruturador, dinâmico e até mesmo dialético.”

Ora, o que se está aqui tentando dizer? É sobretudo a tentativa de dialética do particular, o que não significa que as ações humanas vão-se esgotar ao nível do particular. Torna-se necessário articular, a todo momento, os outros níveis dialéticos do universal e do singular. Entretanto, naquela oportunidade, face às circunstâncias históricas e outros fatores, era importante desenvolver uma teoria que desse conta do particular, uma dialética do particular.

É assim que eu vejo *A redução sociológica*. Daí ela “não admitir a existência de uma realidade social sem significado, isto é, a realidade social não é um conjunto desconexo de fatos. Os seres humanos se distinguem dos outros seres por sua capacidade de emitir julgamentos de valor e articular significados. Portanto, todo fato da realidade social faz parte, necessariamente, de conexões de sentido; os fatos são referidos a outros fatos por vínculos de significação”. É precisamente nesse ponto que cabe uma crítica ao positivismo. O positivismo é comprometido com a “falência da objetividade”, promovendo uma cisão entre objeto e sujeito, uma cisão relativamente tranqüila e simples quando, em realidade, não é bem assim. O sujeito já é dotado de esquemas de interpretação, ideologias ou de teorias (seis que é bem difícil a distinção entre ideologia e teoria) que fazem com que um observador privilegie fatos em detrimento de outros.

De todos os sociólogos que conheço, Guerreiro Ramos é aquele que mais enfatiza o lado ativo da consciência humana. Ele nunca vê o ser humano como simples adjunto de fatores externos inteiramente determinados ou de leis econômicas inexoráveis. Em um de seus livros ele afirma o seguinte: “capacidade política cria capacidade econômica”. E é aí, também, que ele procura desenvolver aquilo que poderíamos chamar de dialética de pessoa: eu e minhas circunstâncias. E como lidar com as contradições que possam existir entre os níveis universal, particular e o singular (e, também, em cada um deles)? Essa é a grande questão. Como, por exemplo, para saber que sou um homem brasileiro, devo saber antes que sou homem. Portanto, o universal, o todo, já está contido nas circunstâncias particulares. Mas eu sou um homem brasileiro com uma cultura determinada e com uma biografia própria, o que significa, por sua vez, que o particular integra, também, o singular.

Saber articular esses três níveis dialéticos é a grande questão. Acho que a obra de Guerreiro Ramos faz isso o tempo todo, e com muita facilidade.

Para facilitar, diria que *A redução sociológica* tem basicamente três dimensões. E essas três dimensões nos fazem lembrar um capítulo do livro de Humberto Eco *A estrutura ausente*, capítulo de título *A lição de Aristóteles*. Citando Aristóteles, Eco nos diz que “as coisas, para serem entendidas, têm que ser vistas sob um triplice aspecto: como uma forma, como uma representação inteligível (idéia) e como uma essência”.

Nunca é demais insistirmos na importância da representação inteligível. Todos nós temos hoje uma imagem teórica da estrutura atômica, de longe superior ao primeiro modelo estabelecido por Rutheford, mais foi aquele primeiro modelo que nos permitiu avançar na apreensão de uma essência mais complexa e mais rica.

Desse modo, destacaríamos os seguintes aspectos:

A. *A redução* é primeiramente um método de assimilação crítica da produção científica e tecnológica estrangeiras. Essa dimensão estaria voltada para a manutenção da forma da cultura brasileira.

B. Segundo: *A redução* como uma atitude parentética, ou seja, como enriquecimento cultural do indivíduo, o que lhe permite desenvolver uma consciência crítica dos valores, preconceitos, pré-compreensões, interesses cognitivos (ou, em uma única noção: das premissas de valor implícitas) da cotidianidade. Aqui, o qualitativo parentético é derivado (sem se limitar a isso) da noção husserliana de “suspensão” ou “parênteses”. E quem coloca muito bem essa idéia de atitude parentética correta é Ricoeur, quando diz: o distanciamento não deve ser tão grande que o ser cogniscente acabe se transformando no ser puro; deve existir também um envolvimento com a realidade, para que não percamos a densidade ontológica da situação vivida.

Assim, a atitude parentética correta é uma relação dialética entre o distanciamento e o envolvimento. E essa parece ser a chave para a correta compreensão dos processos de conscientização descritos por Paulo Freire. Paulo Freire parece inspirar-se profundamente na obra de Guerreiro Ramos. Se tiver tempo, gostaria de mostrar as afinidades que parecem existir entre a redução de Guerreiro Ramos e a conscientização de Paulo Freire. Talvez deixe isso para outra sessão.

Portanto, quando Guerreiro cita Husserl, ele o faz segundo certas restrições. Ele não está endossando Husserl, por inteiro. Ele está tirando de Husserl aquilo que há de melhor, sem prejuízo de sua própria estrutura básica de pensamento.

C. Terceiro: *A redução* como superação das ciências sociais em relação ao caráter formal, serialista e científico em que elas se encontram, através da recuperação dos conteúdos substantivos da vida humana associada. Esse é o terceiro livro. Essa preocupação, bem manifesta no último livro de Guerreiro Ramos, *A nova ciência das organizações*, já estava presente também em *A redução sociológica*.

Devo ressaltar que a expressão “redução”, pelo fato de estar aparentemente comprometida com um contexto fenomenologista, sofreu uma certa restrição. Se, ao invés de redução, Guerreiro tivesse jogado com a idéia de conscientização, sua obra teria hoje uma grande divulgação. Isso seria possível, uma vez que os elementos do processo de conscientização de Paulo Freire são, estruturalmente, os mesmos elementos da redução sociológica de Guerreiro Ramos.



Senão, vejamos: o processo de conscientização que Paulo Freire preconiza apresenta as seguintes características: a) é ativo, dialógico, crítico e criticizador; b) tem a flexibilidade necessária para captar e acompanhar as modificações de significados, provocadas pelo próprio processo de diálogo; c) utiliza corretamente os procedimentos de “redução” e de “codificação”.

Bem, acho que nas suas obras mais recentes, Guerreiro Ramos deliberadamente rompeu com o pensamento científico convencional. Ele achava, por exemplo, que a sociologia era uma disciplina situada e datada e, portanto, deveria ser bastante modificada para poder dar conta da interpretação dos fatos brasileiros. Guerreiro propunha uma síntese dos diferentes ramos das ciências sociais. Ao que tudo indica, a semente é a sua teoria da delimitação social.

Muito obrigado.

*Prof. Nelson Mello e Souza* — Com a palavra o Prof. Ralph Zerkowski.

*Prof. Ralph Zerkowski* — Em minha opinião, o que “embanana” o cientista social é saber até onde ele deve interpretar seus gurus, sejam eles Marx, Keynes, Kant, Friedman, qualquer um, e até onde ele pode entrar com os aspectos específicos. Na obra de Guerreiro, por exemplo, sentimos que ele tenta fazer esse *mixing*. Ora ele coloca um guru internacional, ora entra com Oliveira Viana, Alberto Torres, Sílvio Romero, etc.

O grande problema consiste na atração dos grandes gurus internacionais para cuja universalidade há limites, evidentemente, de espaço e de tempo, mas o analista acaba sendo envolvido por aquele que ele elegeu e acaba deixando as categorias específicas para segundo plano. Eu me lembro que no Iseb, pretendendo estudar a realidade nacional, um dos seus mais ilustres diretores, naquela ocasião, fez um livro sobre a cultura nacional, uma introdução à cultura nacional, no qual raras vezes fazia menção a autor nacional. Nós podemos ver como esses autores internacionais, esses gurus, acabam tomando conta do indivíduo. Muitas vezes, embora ele tenha pretensões de especificidade, acaba entrando numa seara de universalidade.

E é exatamente o problema metodológico, o fato metodológico, que eu vejo: essa parte não está escrita em nenhum manual. Esta parte é exatamente a parte de arte, de criatividade, de elaboração de categorias próprias.

A Prof.<sup>a</sup> Lippi, num dado momento, falou, e com muita justeza, desse nosso impasse. Impasse que *estamos vivendo* nas ciências sociais e que sentimos também na obra de Guerreiro. Principalmente em seu último livro ele rompe, até certo ponto, com isso, e consegue uma elaboração mais própria. É, precisamente, o problema de criatividade e essa criatividade é obstaculizada, de certa forma, exatamente pela força que esses gurus internacionais têm. Todo cientista social sabe que tem de fazer uma adaptação. Está escrito, todo mundo aceita. Mas o problema é que, na hora de botar isso no papel, essa adaptação torna-se extremamente difícil e ele acaba se rendendo à universalidade por essa força intrínseca que ela tem. E então, conseqüentemente, os chamados modelos que seriam, em última análise, a síntese, o *mixing* dessas categorias internacionais específicas, acabam redundando numa coisa que é, quando muito, uma mera adaptação de modelos internacionais. E é difícil realmente superar esse problema. Esse, na minha opinião, também é o ponto que está por trás de tudo isso: que é o aumento da criatividade. Esse é exatamente, acho, o problema que todos nós, na

economia, na sociologia e em outros campos, vivemos hoje: essa falta de criatividade. Sempre que nós vamos reformular, sempre que nós vamos, em nome da criatividade, fazer algo, caímos na mesma armadilha. Falta, por conseguinte, arte. Muito obrigado.

*Prof. Nelson Mello e Souza* — Ótimo Ralph. Realmente, profundo e curto. Então, por favor, a Prof.<sup>a</sup> Maria Stella Amorim.

*Prof.<sup>a</sup> Maria Stella de Amorim* — Gostaria de me colocar em posição de fazer uma análise menos biográfica e mais reflexiva sobre a obra de Guerreiro Ramos. Mas, obedecendo a imposição da direção da mesa, de que não é possível estender muito a intervenção, vou procurar ser breve. Com isto, manifesto o temor de ser malcompreendida.

Em rápidas palavras, minha intervenção diz respeito ao aspecto de *A redução sociológica* enquanto reflexão voltada para as questões da sociologia do conhecimento. Parece-me que o que torna singular *A redução sociológica* é exatamente a contribuição original que Guerreiro Ramos procura introduzir a respeito da produção de conhecimentos na sociologia brasileira dos anos 50. Nesse período, poucas pessoas, ou praticamente ninguém está preocupado com estas questões, e, os que a elas se referem, limitam-se a reproduzir a sociologia de Karl Mannheim e as idéias existentes sobre o tema em alguns filósofos, particularmente os que se devotam à fenomenologia do conhecimento. E nessa época, Guerreiro Ramos ainda encontra uma produção sociológica brasileira bastante incipiente, a qual, se comparada à sociologia que hoje se faz no Brasil, poderia ser considerada uma proto-sociologia. Os sociólogos brasileiros a que Guerreiro Ramos se refere são pensadores sociais ou intelectuais que se estão esforçando para elaborar uma sociologia no Brasil, mas que não conseguiram incorporar em seus trabalhos o padrão de análise que hoje é possível exercitar na sociologia brasileira.

*A redução sociológica* tem como subtítulo Introdução ao estudo da razão sociológica, precisamente porque Guerreiro Ramos pretende tomar a razão sociológica como objeto de reflexão sobre a construção do conhecimento da realidade social brasileira. É nessa perspectiva que ele inaugura seu livro, e nela se declara disposto a enfrentar o problema do fundamento de uma sociologia brasileira e, ao mesmo tempo, da fundação dessa sociologia. Daí sua preocupação com autores como Husserl, Heidegger e Max Scheler, entre outros, que vêm sendo citados nesse painel de uma maneira, diria eu, um tanto imediatista, mais para identificar Guerreiro Ramos com correntes expressivas do pensamento filosófico. Parece-me que a preocupação dele com a leitura de fenomenólogos é muito mais para descobrir, ou melhor, para fundamentar a fundação de uma fenomenologia de trabalho própria do sociólogo, com finalidade de conceder um estilo, uma marca, à sociologia brasileira. Esse estilo vai sendo delineado em seu livro, à medida que as problemáticas do desenvolvimento brasileiro vão aflorando. E as peculiaridades dessas problemáticas impedem a classificação da sociologia de Guerreiro Ramos em correntes de pensamento academicamente conhecidas, justamente devido à originalidade de seu pensamento. Essa originalidade foi talvez o que permitiu a *A redução sociológica* influenciar jovens sociólogos que se formavam na década de 50 e início dos anos 60.

A dimensão cognitiva aparece hoje na leitura que faço de Guerreiro Ramos — colocando-me como uma das apropriadoras de sua obra — como extremamente relevante e polêmica. Na perspectiva de minha leitura, a apropriação que faço de *A redução sociológica* é paradoxal, como acredito ser conveniente para um painel, onde diferentes leituras se apresentam. Existe, por exemplo, a tentativa de inscrever Guerreiro Ramos dentro de reconhecidas correntes de pensamento mas, ao se fazer isso, esvazia-se sua criatividade. Quer dizer, releva-se a fundamentação, mas esquece-se a fundação de sua sociologia. Conciliar estas duas dimensões seria difícil e eu acredito que Guerreiro Ramos conviveu com esse paradoxo, para alimentar esforço fecundo que realizou nas obras posteriores a *A redução sociológica*. Outros paradoxos poderiam ser identificados no debate de sua obra, mas pretendo limitar-me a identificar um deles, sugerido na análise interna de *A redução sociológica*, particularmente quanto ao enfoque da consciência crítica.

Guerreiro Ramos distingue as manifestações da consciência ingênua e as da consciência crítica nas análises e avaliações da realidade. O discurso que desenvolve em *A redução sociológica* não apenas é comprometido com a consciência crítica, mas ao mesmo tempo é uma reflexão sobre a manifestação dessa consciência, enquanto razão sociológica. Esse discurso atinge a dimensão de terceira instância. Senão, vejamos: tem-se uma instância primeira em que se manifesta a consciência ingênua, que é tomada como objeto pela consciência crítica. Esta, por sua vez, se coloca num plano distinto daquela, digamos, em uma instância segunda. Mas, o discurso que Guerreiro Ramos pretende atingir, consciente ou inconscientemente, se constitui em reflexão dentro da consciência crítica e, portanto, em exercício de pensamento sobre ela, para também buscar os fundamentos da fundação da sociologia brasileira com suas especificidades. É, portanto, de um terceiro plano, ou seja, tomando a própria consciência crítica como objeto, que Guerreiro Ramos encaminha o estilo da sociologia que se constituiria em ciência enganada, comprometida com o nacionalismo e o desenvolvimento brasileiros.

No sentido em que encaminho a leitura de *A redução sociológica*, Guerreiro Ramos propõe uma construção epistemológica que inclui a dimensão política do sujeito intelectual, procedimento que nos anos 50 e 60 não se fazia no Brasil, a não ser enquanto ingenuidade. Justamente para afastar atitudes ingênuas, a intelectualidade evitava atacar a questão, e a absorção do pensamento de Guerreiro Ramos foi, por vezes, identificada com essa ingenuidade. Na verdade, entre 50 e 60 não havia no Brasil condições intelectuais para se fazer a apropriação da episteme proposta por Guerreiro Ramos na sociologia, com a dimensão política. Por esse motivo considero também paradoxal a caracterização de Guerreiro Ramos como profeta da sociologia brasileira, tal como foi sugerido por Lucia Lippi, pois não pode existir o profeta, sem a profecia, uma vez que sua mensagem não podia ser plenamente apropriada socialmente, entre os anos 50 e 60, a não ser de maneira ingênua.

Nesse período, mais marcadamente nos anos 50, a sociologia brasileira tinha preocupações radicalmente diferentes das de Guerreiro Ramos. Podemos tomar como exemplo a expressiva escola sociológica paulista, que, na mesma época, preocupava-se em alimentar debate entre o marxismo e o funcionalismo, através de grandes pesquisas sobre o negro no Sul do Brasil, encontrando os meios de evitar o trato de temas da atualidade e afastar o engajamento do intelectual na vida nacional, situação que só foi rompida institucionalmente com a criação do Cebrap em São Paulo.

Enquanto isso, Guerreiro Ramos enfrenta sozinho o desafio de elaborar, para a sociologia, uma problemática inteiramente original, concedendo-lhe um objeto que encerra, na verdade, uma epistemologia política e com a qual caminha em toda a sua trajetória de sociólogo. Quero confessar que fui aluna de Guerreiro Ramos; por diversas vezes segui seus cursos no Iseb e em diversos momentos de minha vida li *A redução sociológica*. É um livro que a mim mesmo permite leituras diferentes, em tempos diferentes de minha pessoa. Presentemente, permite-me perceber Guerreiro Ramos como “peregrino”, como “errante” da sociologia, no sentido bachelardiano. Refiro-me ao Guerreiro Ramos que como “errante” do saber enfrentou desafios, viveu paradoxos, mas não desistiu de buscar os caminhos de sua sociologia. Alguns desses paradoxos estão sendo tratados aqui e parece haver uma certa vontade de resolvê-los. Gostaria de tomar o próprio Guerreiro Ramos como exemplo, para dizer que os paradoxos, por serem paradoxos, não têm solução. Servem apenas como desafios e como tais o “errante” os enfrenta.

Mas, voltemos ao paradoxo contido no pensar da consciência crítica, tomada por Guerreiro Ramos como objeto de fundação da razão sociológica, especialmente no instante que formula a “lei das fases”, já mencionada tanto por Lucia Lippi como pelo Prof. Ralph, que me antecederam. Para Guerreiro Ramos “a lei das fases (...) define um modo sociológico de pensar. É sobretudo expediente de formação metodológica”.<sup>1</sup> A fase constituiria uma totalidade, que, como unidade, teria suas contradições. No trato da fase, Guerreiro não aceita a questão da dualidade formulada pelo Prof. Ignacio Rangel aqui presente, que tão bem a elaborou em *Dualidade básica da economia brasileira*,<sup>2</sup> também publicada pelo Iseb. A diferenciação interna da fase existente na economia brasileira dos anos 50 dava-se, para ele, em termos da “contemporaneidade do não-coetâneo”,<sup>3</sup> não fazendo sentido “a polaridade que habitualmente se costuma afirmar entre agricultura e indústria”.<sup>4</sup> Ao nível da compreensão e da explicação, esse procedimento levou-o a privilegiar a industrialização como fator de progresso, de salvação nacional, porque esse setor seria gerador da riqueza que exterminaria com as chamadas relações pré-capitalistas, no campo, e com o desemprego, nas cidades.

De expediente metodológico, o modo de pensar a fase levaria à projeção utópica do futuro, onde a riqueza do progresso industrial resolveria os problemas nacionais. Como consequência desse procedimento intelectual e político resultou que a utopia do futuro anulava contradições inerentes à sociedade industrial e, na prática cotidiana, a ideologia da aliança do proletariado e das forças progressistas com a burguesia coroava todo o debate político do desenvolvimento brasileiro da época. Essa ideologia não estava apenas no pensamento de Guerreiro Ramos. Era apanágio do Iseb, de muitos intelectuais marxistas e constituía prática oficial indicada pelo próprio Partido Comunista nos anos 50.

Dissemos anteriormente que paradoxos não têm solução, a não ser pela via de ideologias que mitigam as ansiedades por eles introduzidas no cotidiano.

<sup>1</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. *A redução sociológica*. 2. ed. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1965. p. 146.

<sup>2</sup> Rangel, Ignácio. *Qualidade básica da economia brasileira*. Rio de Janeiro, Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), 1957.

<sup>3</sup> Guerreiro Ramos, Alberto. op. cit. p. 147.

<sup>4</sup> Id. ibid. p. 163.

Mas ideologias são ideologias. . . Não raras vezes escrevem a história por linhas tortas. Elas integram os desafios que o trabalho intelectual enfrenta e Guerreiro Ramos, como “errante”, acompanhou os tempos e também a história recente do desenvolvimento brasileiro.

O paradoxo enfrentado a nível do *constructo* intelectual e representado na “lei das fases” pode ainda hoje ser encontrado como questão relevante para intelectuais que buscam engajar seu trabalho, dar-lhe um sentido para o mundo que existe em plano diferente do seu pensamento. O problema de realizar a opção pela ação ou transformação social no mesmo instante em que se constrói o objeto do conhecimento, persiste portanto. Postular o objeto e ao mesmo tempo engajá-lo pode levar a positivar o que ainda é desconhecido e impedir a própria produção do conhecimento indispensável à orientação para mudanças no plano da realidade histórica. Não se transforma nunca o que se conhece, nem mesmo com a força das ideologias, quando elas não encontram suporte em energias latentes na realidade social existente.

A *redução sociológica* de Guerreiro Ramos seguiu todos esses caminhos errantes do saber sociológico, com originalidade e retratando as questões de seu tempo. Sobretudo, deixando-nos o legado do resgate de sua obra, que muito mais que a recuperação da biografia intelectual do autor, encerra o compromisso de enfrentar a questão da ciência engajada, tão atual quanto o foi nos anos 50. A continuidade dessa questão, a despeito da evitação com que muitas vezes é afastada por sociólogos, é presente. Ainda não foi possível elaborar, a esse respeito uma fenomenologia do trabalho cognitivo que incorpore de modo não-paradoxal a dimensão política inerente à todas as ações humanas, inclusive ao trabalho intelectual. Todas as tentativas nesse setor são insuficientes para responder aos anseios de intelectuais, críticos e ativistas, ainda que entre estes existam os que se convençam com as próprias ideologias que aceitam ou que criam, como modo de superar a questão.

Gostaria de prosseguir, porque o desafio da questão me fascina, mas devo obedecer à recomendação da mesa diretora e quero encerrar aqui, perguntando se alguém deseja manifestar-se sobre minha intervenção. Alguma dúvida, indagação ou questão?

*Pergunta* — Gostaria que alguém da mesa me dissesse se Guerreiro Ramos foi um populista.

*Prof.<sup>a</sup> Maria Stella de Amorim* — Não tenho notícia de uma análise feita por Guerreiro Ramos sobre o populismo, mas pode-se dizer que a carreira política de Guerreiro Ramos esteve ligada ao populismo, enquanto movimento dominante na década de 50. No entanto, ele não era expressão desse populismo. Embora eleito pelo PTB, partido popular, o discurso de Guerreiro Ramos nunca foi um discurso populista. Ele não era líder político expressivo dentro do movimento populista. Foi um deputado de poucos votos, quando candidatou-se à Câmara federal, e lá chegou como suplente. Nem sequer foi eleito como representante titular. Na participação política, sua “profecia” não valeu nem uma alta percentagem de votos. Mas ele foi conseqüente como pessoa, procurando conciliar o discurso intelectual de sociólogo, com a participação política, atitude rejeitada nos anos 50 pelos círculos acadêmicos, embora hoje seja comum e até favorável a posição dos sociólogos na disputa por cargos eletivos. Para mim é mais importante ressaltar a figura de Guerreiro como errante, como peregrino do saber e também da política, do que como integrante do movimento populista, onde ele teve, a meu ver, pequena expressão.

*Prof. Simon Schwartzman* — Sobre a arqueologia do populismo em que a pergunta foi endereçada, eu recomendo que leia exemplares dos *Cadernos de Nosso Tempo*, principalmente no período de 1955 a 1966. Há uns dois ou três estudos, sendo um deles muito bom, escrito por Hédio Jaguaribe, sobre populismo.

*Prof. Nelson Mello e Souza* — Muito obrigado, Maria Stella, pela sua intervenção. Eu passo imediatamente a palavra ao Prof. Simon Schwartzman.

*Prof. Simon Schwartzman* — Gostaria de fazer alguns comentários sobre como era a sociologia no Brasil que Guerreiro Ramos criticava, e qual era o tipo de sociologia que ele pretendia desenvolver. Isto nos permitirá pensar um pouco em como avaliar, com os olhos de hoje, sua contribuição.

Temos que lembrar que, na época em que Guerreiro Ramos viveu e trabalhou no Brasil, a sociologia praticamente só existia, como atividade acadêmica institucionalizada, na Universidade de São Paulo. Somente na USP era possível fazer do trabalho sociológico uma carreira, com reconhecimento social e perspectivas de crescimento. Fora isto, e com algumas poucas exceções, o que havia no país eram “pensadores” e escritores isolados, alguns de grande talento, que buscavam estabelecer uma ponte entre a atividade intelectual e a atividade política. Guerreiro Ramos, pelo menos em sua intenção, representava bem esta estirpe de escritores, combinando grande erudição e brilho intelectual com a preocupação constante em participar e influir na vida política.

Um exemplo de seu nível pode ser visto em seu artigo publicado em 1946 na *Revista do Serviço Público* a respeito da sociologia de Max Weber. Como sabemos, a obra principal de Weber, *Economia e sociedade*, foi traduzida ao espanhol por José Medina Echevarria, espanhol refugiado no México e membro do grupo que formou o Colégio de México, muito antes que houvessem traduções equivalentes para o inglês ou francês. Em 1946 Guerreiro Ramos, trabalhando no Dasp, já havia lido e escrito sobre essa obra clássica, quando na França e nos EUA ela ainda levaria muitos anos para penetrar mais profundamente.

Esse trabalho intelectual de Guerreiro Ramos era feito de forma quase isolada, sem um contexto institucionalizado que lhe desse apoio e sustentação. Como foi a carreira profissional de Guerreiro Ramos? Pelo que sei, ele veio da Bahia para o Rio de Janeiro na década de 30, tentou sem muito sucesso um lugar na universidade, no Brasil, teve uma aproximação com o integralismo que não durou muito, foi funcionário do Dasp e, depois da guerra, incorporou-se à Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas. Quando de sua criação, a EBAP pretendia ser a grande escola de formação de quadros de alto nível para a administração pública brasileira, mais nunca chegou a se constituir, de fato, em um centro de pesquisas e estudos. No início dos anos 50 Guerreiro Ramos participou do Instituto Brasileiro de Estudos Sociais e Políticos, o Ibesp, também conhecido como o “grupo de Itatiaia”, que editou os *Cadernos de Nosso Tempo* e deu origem ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros, o Iseb. A proposta do Iseb, como sabemos, era a de se constituir em uma liderança intelectual e ideológica para o país, da qual decorresse uma posição de liderança política efetiva. Conseqüente com essa postura, Guerreiro Ramos se candidata a deputado federal no início da década de 60, termina sendo cassado em 1964, e parte, finalmente para os EUA, onde é acolhido na Uni-

versidade do Sul da Califórnia, que tem uma longa tradição de intercâmbio e cooperação com a EBAP.

É preciso ter essa carreira em mente para compreendermos que o trabalho intelectual de Guerreiro Ramos visava sempre um objetivo a curto prazo, era a tentativa de juntar um pensamento que fosse ao mesmo tempo acadêmico, erudito, e uma arma de ação política e de poder. Só assim podemos entender, por exemplo, a grande utilização de autores existencialistas e fenomenológicos, presentes não só na obra de Guerreiro Ramos mais de vários de seus contemporâneos. O objetivo era constituir uma ciência social que fosse ao mesmo tempo engajada, participante e não-marxista, e que servisse de base a uma ideologia nacional, nacionalista. Era importante impedir que essa obra fosse identificada com a ortodoxia marxista, como também era importante diferenciá-la de uma ciência social que fosse meramente universitária, acrítica, sem uma vocação de participação política mais direta. A França do após-guerra proporcionava, evidentemente, os ingredientes intelectuais para essa tentativa, graças à preeminência de Sartre, por um lado, e à sociologia de base fenomenológica de Georges Gurwitsch por outro. É aí que *A redução sociológica* encontra suas raízes, em seu esforço de chegar à fenomenologia alemã via seus divulgadores franceses, e como fundamentação para um tipo novo de ciência social autêntica, nacionalista e participante.

*A redução sociológica* foi possivelmente a obra mais influente de Guerreiro Ramos, e ela deve ser entendida, principalmente, como uma proposta política, uma proposta de política científica e intelectual. Se olharmos esse livro do ponto de vista estrito da metodologia que propõe e dos resultados práticos que essa metodologia acena, o resultado é decepcionante. O que fica de interesse é uma proposta de que a sociologia deve ser constituída a partir da realidade nacional, pelo desenvolvimento de uma metodologia também própria, e que a partir dessa realidade toda a tradição cultural da sociologia européia e norte-americana poderia ser recuperada.

É na crítica de Guerreiro Ramos à sociologia do negro, e suas propostas em relação a ela, que ele leva mais a frente sua visão. A primeira coisa que faz é uma revisão da tradição intelectual brasileira sobre o assunto e, nesse processo, ele contribui decisivamente para reestabelecer a ponte de comunicação intelectual entre o passado e o presente no pensamento social brasileiro. A derrota do fascismo havia trazido o opróbrio aos autores que, antes da guerra, haviam de alguma forma se aproximado às idéias racistas, corporativas e totalitárias tão em voga naqueles anos, e o Brasil da década de 50 parecia ter uma história que não remontava a antes de 1945. Guerreiro Ramos olha para trás, e trata de encontrar algum valor mesmo em autores cujo racismo era inegável. Para ele, haviam duas tradições brasileiras no tratamento da questão do negro, uma totalmente perdida e negativa, outra recuperável. A melhor tradição era a que incluía Alberto Torres, Euclides da Cunha e Oliveira Viana. Era verdade que Euclides da Cunha acreditava na determinação geográfica e ecológica da cultura, e Oliveira Viana, autor de *Raça e assimilação*, se preocupava com o branqueamento da população brasileira. Eles possuíam, apesar disso, uma idéia de processo, de história, de transformação, e por isso tinham uma contribuição importante a ser recuperada. A pior tradição era representada pelos que tinham uma idéia estática e pessimista do brasileiro, visto como uma raça impura e condenada pela contaminação do sangue negro. Arthur Ramos e Gilberto Freire são indicados como os principais representantes dessa concepção imobilista, que no máximo olhavam para o negro como objeto folclórico, a ser estudado como os

ontomólogos estudam os insetos. Costa Pinto, contemporâneo de Guerreiro Ramos, é apontado como representante dessa tradição mais negativa, e contra ele se volta boa parte dos ataques da *Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo*, texto incorporado mais tarde em *Introdução crítica à sociologia brasileira*. O que Guerreiro Ramos propõe em troca é uma sociologia do negro feita pelo próprio negro, a partir da assunção de sua condição racial, a partir de uma tomada de consciência de sua negritude. Essa proposta de Guerreiro Ramos antecede em décadas a difusão de uma atitude militante dos intelectuais negros do país, ainda que seja contemporânea, e sem dúvida inspirada, na defesa da negritude que então surgia na África francófona, e que tinha sua contrapartida no Brasil no Teatro Experimental do Negro, com o qual Guerreiro Ramos mantinha contatos próximos.

Visto tudo isto, não há como deixar de registrar um sentimento de grande frustração. A obra de Guerreiro Ramos é principalmente crítica, mas de poucos resultados. Ele não prezava o produto intelectual enquanto tal, e seu projeto político, por razões históricas que conhecemos, não foi muito adiante. Mais ainda, creio que a carreira de Guerreiro Ramos mostra a própria frustração da idéia de que era possível, a partir de um projeto intelectual, realizar um projeto político. Ao final, Guerreiro Ramos acaba ficando sem uma obra sociológica mais consciente, e sem uma carreira política mais significativa.

O exílio seria a possibilidade de tentar uma carreira acadêmica, pelo confinamento a uma universidade estrangeira onde existem todas as condições para estudar, escrever e trocar idéias, mas poucas para agir. É possível que sua obra de maturidade, *A nova ciência das organizações*, seja uma contribuição sociológica mais substantiva. Sem ter condições de avaliar esse trabalho em seu mérito nesse contexto, não há dúvida, de qualquer forma, que seu impacto foi bem menor do que as obras críticas anteriores de Guerreiro Ramos. Por isto, e independentemente desse último livro, parece bastante provável que Guerreiro Ramos fique na história das ciências sociais brasileiras principalmente como debatedor, crítico, motivador, e criador de um sentido de compromisso e responsabilidade social sem o qual não é possível desenvolver nenhuma ciência social que tenha algum valor. “Sou um homem”, dizia ele uma vez, anos atrás, a um grupo de ávidos estudantes de sociologia belorizontinos, “que tem a responsabilidade de pensar o Brasil 24 horas por dia”. Jamais esqueceremos.

Estes são os aspectos mais essenciais que gostaria de assinalar como contribuição à discussão de hoje. Muito obrigado.

*Prof. Nelson Mello e Souza* — Chegamos ao final da exposição dos nossos painelistas. Desejo, também, acrescentar aqui, para finalizar, em cinco ou 10 min, algumas observações. O objetivo é o de “fechar” aquilo que foi dito e dar também um pouco de minha contribuição pessoal, já que convivi com Guerreiro Ramos, de modo bastante íntimo, desde 55 até aproximadamente 60. Cerca de 6 anos, se contarmos 55 também. Foi justamente nesse período, quando estávamos trabalhando juntos como professores na Escola Brasileira de Administração Pública que gestou-se, na inquietação de Guerreiro, a idéia de produzir *A redução sociológica*.

Conversávamos muito sobre isso e quando o projeto ficou pronto, sugeri ao Guerreiro que tal como estava tratava-se de projeto embrionário (o livro, como os senhores podem verificar, não é propriamente um livro, é uma coletânea de temas justapostos). Há uma parte, a da industrialização como categoria sociológica, que cai no meio, de repente; não penetra na organicidade do livro.



Achava a tese muito interessante e fecunda. Merecia de Guerreiro um tratamento mais calmo. Sem pressa de publicação. Mas não foi possível. Naquela época, Guerreiro vivia atividade política intensa. Acumulava o magistério na Fundação Getúlio Vargas, que era apenas magistério, com o magistério e ação no Iseb, que não era apenas magistério, mas principalmente ação política, e ação política intensa, da qual resultou o seu encaminhamento e a sua candidatura pelo PTB, finalizando em sua eleição como deputado federal.

Não tinha realmente muito tempo. Numa conversa que tivemos, pois sempre insistia na necessidade de melhor elaboração, indicou-me que mais tarde iria retomar esse tema, com mais calma, quando pudesse dispor do tempo necessário a um trabalho de maior fôlego, reunindo todas as dimensões teóricas propostas em *A redução sociológica* e que estavam, de certa forma, apenas projetadas, toscamente, a nível de embrião.

Mas, independentemente do caráter inacabado do projeto, alguma coisa precisamos deixar claro aqui, referente a um testemunho pessoal meu, a respeito de certas preocupações fundamentais de Guerreiro Ramos. Entre elas, uma foi ressaltada aqui, pela Prof.<sup>a</sup> Lúcia Lippi ao anotar a frase que ele escreve, não quando produziu *A redução sociológica*, mas bem depois, já em 1963, quando faz o prefácio para a segunda edição. Refere-se à forma como ele via a sociologia em termos de um saber de salvação.

A segunda, de certa forma, se alia a essa, soma-se a essa. É a observação contida também no mesmo prefácio. Segundo ela, a sociologia é vista, no futuro, vulgarizada, chegada ao povo, assimilada por todos, de tal forma que se possa fazer sociologia, como o personagem de Molière fazia prosa, praticamente sem saber.

Qual o significado destas observações? Creio que aí está a chave. A chave talvez, desse profetismo de Guerreiro Ramos, anunciado aqui por um dos painelistas. Chave, principalmente, de suas motivações, de seu elenco de valores. Não podemos dissociar nem as motivações, nem o elenco de valores da obra de um homem, sob pena de não entendermos essa obra. O que isto, a meu ver, quer dizer — e baseio minha interferência nas muitas conversas mantidas, cotidianamente, com Guerreiro — é sua enorme fé em que, pelo saber sociológico, pelo domínio de uma série de variáveis, é possível abrir o acesso à consciência crítica. Naquela época, década de 50, vivíamos, como vocês sabem, um período conflitante e difícil. Foi a década do segundo governo de Vargas; ela, na verdade, começa com o segundo governo de Vargas com todas as pressões que o levaram ao suicídio; absorve o choque humano e político desse suicídio; prossegue com o governo de interregno que ocorreu entre Vargas e Juscelino; e avança de tumulto a tumulto, atropelada pelas pressões no sentido de evitar-se que Juscelino assumisse; a década de tantos impactos antecipa o movimento de força militar que acabou vindo em 64. Esse movimento já estava contido nessa década. Foi portanto um período muito rico de acontecimentos, de sustos e de medos. E, dentro dessa década, Guerreiro viveu, pulsou e produziu.

Temos que entender um pouco o que ele diz, em função do que ele viu, daquilo que enfrentou e daquilo que se propôs resolver. Quando diz, portanto, que a sociologia é um saber de salvação, nós não devemos entender, nessa assertiva, o saber de salvação no sentido que Max Weber lhe dá, na sociologia das religiões. Mas o saber de salvação de um país que se perdia, de uma nação entontecida, que entrava em colapso espiritual; presa de seus próprios dilemas, que não se encontrava dentro de seus próprios conflitos, por não saber sequer

definir com precisão onde estavam esses conflitos. Nesse sentido Guerreiro falava em saber de salvação; “salvação” seria a autoconsciência nacional. Esse era o Guerreiro que vivia na década de 50. Diante dele um país perdido, perplexo, uma intelectualidade alienada, dividida em luta fatricida, entre radicais de direita e de esquerda, que a nada conduzia, a não ser à dissolução dos alicerces democráticos e institucionais do país; como acabou acontecendo. Nesse sentido, é viável falar de “profetismo”.

Na medida em que se transformava em saber de salvação, a sociologia poderia chegar a transformar-se em atitude. E abrimos a porta para a segunda observação, a da sociologia em hábito. Esta é vista como uma atitude incorporada à consciência crítica dos políticos, dos tomadores de decisão; a uma atitude nova e criativa dos intelectuais, das lideranças sindicais e das lideranças estudantis. Nenhum deles precisava, necessariamente, saber a obra de Max Weber, de Durkheim ou de Spencer. Não precisavam da sociologia teórica, mas da prática sociológica. Esse era o tipo de saber que precisava ser vulgarizado. Uma atitude metódica. Por isso é que ele escreve *A redução sociológica*. Ele a escreve com a intenção polêmica de gerar um impacto, criando alguma coisa que sacudisse, que tirasse a intelectualidade de seu adormecimento patético, daquela anestesia intelectual, do mesmerismo para com o estrangeiro característico, principalmente, nessa década fatídica, das propostas econômicas e políticas que vinham sopradas pelo vendaval direitista ou pela subserviência esquerdista aos modelos soviéticos.

Se entendermos essas duas observações, que estão por trás de *A redução sociológica* e que a inspiram, podemos vê-la como uma espécie de mundividência, uma nova visão do mundo, uma nova proposta de ver, que não é nova no sentido original. Pois sendo criada por Guerreiro Ramos no Brasil, antecede a ele em outros contextos. É nova apenas no sentido da época, no apelo ao Brasil, na pulsação daquele momento, para enfrentar o desafio que o Brasil enfrentava. Desafio que não foi respondido e que até hoje — nós estamos em 82 — não conseguimos responder. É um apelo para nova cosmovisão, nova maneira de ver, nova forma de colocar os problemas e de assimilá-los. Essa é a proposta contida n’*A redução sociológica*. Do que a sociologia em hábito poderia fazer, do que a sociologia vulgarizada poderia conquistar, estão aí alguns exemplos: a França de Voltaire, a Alemanha de Fichte; o Japão da restauração Meiji; o caso do Japão é singular. Não fez outra coisa senão sociologia em hábito para conquistar ou reaver a sua posição íntegra, perturbada pela ameaça do Ocidente. Para isso, sem tradição científica, iniciou, com esforço, a assimilação ou redução tecnológica daquilo que o Ocidente produzia. Daí para frente, transformou-se numa das maiores potências do mundo. O que o Brasil, com recursos muitíssimo maiores e com tradição ocidental de estudos e ciência jamais logrou. Porque jamais pensamos o Brasil como os japoneses pensaram o Japão.

Era isso exatamente que Guerreiro pretendia. A grande proposta de Guerreiro Ramos foi esta: em síntese uma proposta metódica, incorporando nova maneira de ver e de equacionar, de conceber, de chegar à verdade histórica. Daí sua preocupação com o método entendido como o caminho para se chegar à verdade. Esta foi, a meu ver, a principal contribuição d’*A redução sociológica*.

Senhores, muito obrigado.